

Plásticos duram décadas. Que maravilha!

FRANCISCO DE ASSIS ESMERALDO

Todos os que criticam os plásticos repetem as mesmas histórias: tartarugas comem saquinhos plásticos confundindo-os com águas-vivas; o material vive entupindo bueiros, causando inundações; lixões e aterros estão repletos desses resíduos, que levariam 500 anos para se degradar, e por aí vai...

Começemos por esta última. Uma das melhores qualidades dos plásticos é que eles foram feitos para durar. Não meio milênio, nem centenas de anos. Mas, com certeza, duram décadas. E isso é muito bom. Quem não gosta de comprar produtos que durem?

A durabilidade dos produtos feitos com plásticos proporciona ganhos indispensáveis para a vida moderna, entre os quais se destacam:

- Fabricação de produtos como bolsas para acondicionamento de soro e sangue, próteses, embalagens para alimentos, bebidas e remédios, peças automotivas, internet, indústria aero-espacial, tubulações para água e esgoto, caixas d'água, esquadrias, pallets, móveis, CDs e DVDs, sapatos, mobiliário e várias outras incontáveis aplicações.
- Utilização por décadas. É o caso, por exemplo, de jarras plásticas e outras utilidades domésticas que sem necessidade de reposição constante, combatem o consumismo desenfreado.
- Reutilização para outras finalidades que não a original, caso da sacola plástica, do pote de sorvete e de requeijão, etc.
- Inúmeras reutilizações com a mesma finalidade, com a vantagem de os produtos não precisarem ser lavados, como no caso das sacolas retornáveis (ecobags), e por serem inertes, práticas, higiênicas e 100% recicláveis.
- Todos esses atributos tornam os plásticos econômicos.

Tem mais: depois de utilizado e reusado, o produto pode ser destinado à **reciclagem mecânica**, transformando-se em novos produtos.

Se a reciclagem mecânica for impossível, devido à dificuldade da coleta seletiva, os plásticos deveriam ser destinados à **recuperação energética**, gerando calor e eletricidade. Atualmente, em todo o mundo, cerca de 150 milhões de toneladas/ano de lixo urbano vão para mais de 750 instalações para usinas de geração de energia, todas perfeitamente adequadas às mais rígidas normas ambientais, pois não geram efluentes e não contaminam córregos, rios ou o mar. Esta é uma alternativa para a solução dos resíduos sólidos urbanos, e isso só é possível devido ao elevado conteúdo energético dos plásticos que é equivalente ao do óleo combustível e diesel. Por que então desperdiça-lo?

O **consumo consciente** requer produtos que aliem grande durabilidade a 100% de reciclabilidade ou de recuperação energética após o uso. E estes são justamente dois dos atributos mais importantes dos plásticos!

A fabricação dos plásticos em escala industrial é recente: tem cerca de 70 anos. Por essa razão, é impossível determinar o seu tempo de degradação ou fragmentação, mas também é equivocado acreditar que outros materiais se decompõem apenas por serem orgânicos. Pesquisas feitas em aterros sanitários revelaram alimentos (orgânicos e

biodegradáveis) ainda intactos depois de 15 anos, por falta de condições de oxigenação, calor e umidade necessárias para sua degradação.

Por este motivo, também é uma falácia acreditar que a solução estaria nos chamados plásticos **oxi-degradáveis ou fragmentáveis**. **Eles não são biodegradáveis**, pois não se decompõem em até seis meses, como prescrevem as Normas técnicas nacionais e internacionais para que ocorra a biodegradação.

Os plásticos oxi-degradáveis, quando começam a se degradar, dividem-se em milhares de pedacinhos que podem ser ingeridos pela fauna, causando danos ambientais. E no fim do processo não vão desaparecer, e sim virar um pó que facilmente irá parar nos cursos d'água, rios e represas. Isso significa que nossa geração poderá beber involuntariamente plástico oxi-degradável misturado à água. E mais: poderão ser ingeridos por animais, tais como pássaros e peixes causando sérios danos ambientais com conseqüências imprevisíveis.

Para que isso não aconteça, é preciso retomar o conceito que deu origem aos plásticos: a fabricação de um material sintético a partir de um recurso natural, que seja leve, impermeável, resistente, seguro, atóxico, inerte, sem risco de mofar ou enferrujar, e sobretudo **durável**. Daí porque os plásticos se tornaram indispensáveis à vida moderna.

Se o material é tão bom e provém do petróleo (um recurso finito), em primeiro lugar ele jamais deveria receber um aditivo que acelere sua fragmentação, impedindo seu reuso. E, em segundo lugar, deve ser destinado corretamente à reciclagem ou à recuperação energética, após o consumo. E jamais ser lançado na rua, na estrada, nos córregos, pois estariam assim desperdiçando energia uma vez que **plástico é petróleo e petróleo é energia**. Quem entope bueiros ou provoca danos à fauna marinha não são os plásticos, e sim pessoas que ainda estão não se sensibilizaram para a necessidade de preservação do meio ambiente e jogam fora quaisquer resíduos – e não só plásticos - no meio ambiente. E quem está de fato preocupado com a fauna terrestre ou marinha deveria se mobilizar em programas de conscientização ambiental em favor da correta destinação dos plásticos e outros materiais pós-consumo.

Parte deste problema também é causado pelas prefeituras que demoram para estender a coleta de lixo a toda a população abrangida pelo município. Ou que não dispõem de serviço de coleta seletiva, necessária ao recolhimento dos resíduos recicláveis em separado do lixo orgânico – caso de cerca de 93% das prefeituras do país. Ou ainda que não possuem usinas de recuperação energética para transformar os resíduos orgânicos em energia, aproveitando o alto poder energético das sacolas plásticas para economizar combustível no seu processo de operação – caso de praticamente todos os municípios do país.

A melhor notícia dos últimos tempos é que cada vez mais supermercados estão disponibilizando sacolas de plástico mais resistentes, também conhecidas como **ecobags ou sacolas retornáveis** que podem ser reutilizadas inúmeras vezes. Essas sacolas, por suportarem mais peso, evitam que o consumidor seja obrigado a colocar uma sacola dentro da outra para que não rasguem ao transportar suas compras.

Este é o objetivo do Programa de Qualidade e Consumo Responsável de Sacolas Plásticas, realizado por Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos, Instituto Nacional do Plástico (INP) e Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Flexíveis (Abief), com o apoio da Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS) e de entidades estaduais dos supermercadistas.

Finalmente, um lembrete para quem, como nós, está muito preocupado com o aquecimento global. Os plásticos retêm o carbono de sua composição química, evitando assim a emissão de CO₂ para a atmosfera, e não contribuindo com o efeito estufa.

Francisco de Assis Esmeraldo é eng^o químico, presidente da Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos, membro do Conselho Superior de Meio Ambiente da FIESP, do Conselho Empresarial de Meio Ambiente da FIRJAN (RJ) e do Conselho Executivo da Associação Brasileira de Embalagens (ABRE).

São Paulo, 27/11/08